

PALAVRA DE PROFESSOR

Por que estudar Filosofia e a Redação no Enem

Por José Leonardo Annunziato Ruivo*

É uma pergunta constante o motivo pelo qual as pessoas devem estudar Filosofia, principalmente quando se trata da Educação Básica. Muito se fala sobre isso: em uma pesquisa rápida na internet encontramos uma diversidade de respostas tão grande quanto aquelas que buscam determinar o que é Filosofia – ou como se costuma interpretar uma famosa passagem de Kant (“Não se ensina Filosofia, mas a filosofar”). Pensar sobre a natureza da Filosofia já é filosofar.

Em termos mais práticos, percebe-se que no Ensino Médio o valor das disciplinas está diretamente associado ao que elas podem oferecer para o ingresso em um curso universitário, seja via Enem ou vestibular. Nessa linha, o caso da Filosofia parece ser bastante problemático, já que no Rio Grande do Sul só a Universidade Federal de Santa Maria cobra essa disciplina no exame de ingresso. E, em termos de Enem, a Filosofia tem um valor secundário frente à Geografia ou História.

Contudo, no blogue do filósofo Stephen Law vemos várias razões para se estudar Filosofia e, dentre elas, o surpreendente são os números: estudantes de Filosofia em países de língua inglesa possuem um altíssimo *ranking* em testes, superando Física e Matemática no que tange ao pensamento quantitativo e superando a Língua Inglesa na parte escrita. Penso que isso mostra a importância capital dessa disciplina na redação do Enem. É claro que a matriz de competências dessa prova atribui peso à Língua Portuguesa quando cobra o Domínio da Língua Culta (Competência I). Mas em todas as outras Competências, o estudo da Filosofia é fundamental. Compreender qual é o tema, diferenciando-o do assunto (Competência II) passa por saber interpretar que “assunto” refere-se a um tópico amplo (como liberdade de expressão, por exemplo) e que “tema” refere-se a uma delimitação do “assunto” (como o papel da liberdade de expressão na construção de uma sociedade mais justa, seguindo o exemplo).

Já nas Competências III e IV, sem um estudo de argumentação (Lógica), o estudante terá muito mais dificuldade em atingir uma boa pontuação porque precisa construir, de modo consciente, um texto coeso e coerente. Na Competência V, que exige do estudante uma proposta de solução para o problema, também a Ética e a Filosofia Política têm um papel importante. Em suma, construir um texto dissertativo-argumentativo, como pede a redação do Enem, será muito mais fácil se os estudantes tiverem boas aulas de Filosofia que privilegiem a argumentação e o pensamento sobre o discurso.

*Licenciado em Filosofia pela Ufrgs, mestrando em Filosofia pela PUCRS e integrante da equipe do Curso de Formação de Professores de Filosofia do Ensino Médio do RS (Ufrgs).



VERISSIMO

Aniversário

Eu sabia que esse negócio de fazer aniversário todos os anos iria dar nisso: acabei envelhecendo. Às vezes, me pego pensando no que vou ser quando crescer e me dou conta de como minhas opções diminuiriam. Não tenho mais idade para ser nada.

Só me animo quando vejo uma lista de prováveis candidatos a sucessor do papa. A idade média deles é 70. Ser papa é uma das poucas coisas a que eu ainda posso, realisticamente, aspirar. Mas minha única credencial para o cargo é a idade. Não sou cardeal, não sou nem praticante.

Devo ter deixado minha fé no bolso da fatiota azul, de calças curtas, com que fiz minha primeira comunhão. E a única coisa de que me lembro do evento, além da fatiota (e da gravata prateada!), não é a emoção de receber a hóstia e o rito eucarístico, são os doces que tinha em casa, depois. Acho que foi ali que fiz a minha opção preferencial pela perdição. Invejo quem tem fé, mas não posso deixar de pensar que a minha religião particular, uma espécie de panteísmo urbano (devoção por pastéis e boas livrarias e a crença de que há um deus, sim: o deus do oboé, que além de ser um instrumento divino é o que afina todos os outros), é a única sensata, em meio ao que não deixa de ser – se bem examinada – uma crise mundial do monoteísmo.

Bons tempos em que, em vez de não ter mais idade, nós ainda não tínhamos idade. E sonhávamos com tudo o que viria, quando tivéssemos. Entrar em filme proibido até 14 anos. Beber e fumar. (O importante não eram a bebida e o cigarro, era a pose que se fazia bebendo e fumando. Ficar adulto era adquirir a pose). Beijar como beijavam nos filmes – pelo menos nos proibidos até 14, já que nos proibidos até 18 ninguém sabia o que acontecia. Ficar acordado até mais tarde. Ganhar a chave da casa. Dirigir carro. Usar bigode.

Ainda não ter idade era ficar pinoteando no partidor, indócil, como um cavalo esperando a largada. Não ter mais idade é ficar com esta impressão de que até um ato de revolta por tudo que não fizemos quando tínhamos idade e agora não dá mais, não seria, assim, apropriado para a nossa idade.

Chama-se vida essa lenta transformação da frase, de ainda não ter idade para não ter mais idade. Ou de poder ser, teoricamente, tudo o que se sonhasse, a poder ser, teoricamente, só papa. E por pouco tempo.



falaverissimo@gmail.com

Os artigos para a seção Palavra de Professor devem ser enviados até o dia 15 de cada mês com no máximo 1.800 caracteres para o e-mail palavradeprofessor@sinprors.org.br

Escritório de Advocacia

Antônio Vicente Martins Advogados Associados

Avenida Borges de Medeiros, 2105 sala 910 | Praia de Belas | Porto Alegre | RS | Telefone 51 3061.4880
* conveniado Sinpro/RS

AvM

ANTÔNIO VICENTE MARTINS
ADVOGADOS ASSOCIADOS

www.avmadvogados.com.br